

reflexões sobre

ARTEvisual

v.4 n.17 setembro 2023



***Imagem,
Imaginário,
Imaginação.***

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição: v.4, n.17, setembro, 2023

Periodicidade: quinzenal

Capa: Fragmento de estudo para o tríptico de Hieronymus Bosch: “O jardín das delicias terrenas, 1510.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Imagem, imaginário e imaginação, no contexto da Arte Visual, são termos que se referem a configurações visuais, construídas pelo ser humano ao longo do tempo e que foram sendo integradas à cultura como um todo. Podem se referir à apreensão sensível do entorno, às memórias visuais, às invenções e fantasias que ocupam as mentes das pessoas, sejam artistas ou pessoas comuns. De um modo ou de outro estiveram sempre presentes no contexto histórico e cultural. Etimologicamente, Imagem vem do latim *Imago* e se refere à *representação* visual de algo.

Assim tudo o que é desenhado, esculpido, gravado, pintado, fotografado, modelado, digitalizado, construído por meio de instrumentos, aparelhos, ferramentas que evocam ou apresentam algo visual, pode ser entendido como Imagem e compor o Imaginário humano. Nessa lógica pode-se dizer que:

“Imagem é uma configuração visual geradora de sentido”.

Geradora, produtora, construtora, estimuladora, propositora, designadora, determinante, indicativa, indicial, informativa, tanto faz...

Entender o conceito de Imagem e de Imaginário abrange várias possibilidades, muitas variáveis, muitos fins, diversas funções e aplicações com as quais se vive e convive desde os primeiros tempos da humanidade. É praticamente impossível pensar no ser humano sem imagens, especialmente hoje em dia quando elas fazem parte da cultura de massa e das mídias de informação e comunicação.

Um mundo sem imagens perderia grande parte dos conhecimentos e avanços obtidos desde os primeiros milênios. Inicialmente a Imagem era um dos únicos meios de promover a interação social, fosse pela constatação da existência e presença das coisas que eram lá representadas ou as intenções que a motivaram. Como diz Georges Didi-Huberman, elas operam o nível imediato/natural ou transcendental/simbólico, portanto, estão sempre presentes.

Nem sempre a Imagem busca a reprodução/representação do visível ou do mundo natural, muitas vezes ela se propôs a dialogar com a “imaginação”.

Imaginação vem de imagem e se refere à capacidade de criar/inventar configurações que, nem sempre, estão associadas à realidade, ao mundo natural como o vemos ou entendemos. Nesse ponto pode-se recorrer a Platão, cujo entendimento de imaginação se referia à capacidade de “projeção da mente”, derivada do conceito de *eidós*, ideia, neste sentido a imagem brota da mente e não necessariamente do meio.

Então temos duas versões: uma que se refere à habilidade de reproduzir ou representar o visível por meio da percepção e/ou de aparelhos e outra que se baseia na ideia e na capacidade de criação. Pode-se perceber que há momentos em que as duas versões se imbricam, se juntam e em outros se afastam, portanto, em alguns casos elas podem estar relacionadas ao visível e em outros à imaginação, neste sentido elas podem tanto se referir ao mundo natural quanto à imaginação. Não se pode dizer que uma ou outra seja melhor, mas que as duas fazem parte da existência das imagens.

O fato é que estamos falando de Arte Visual e, nesse campo, as imagens surgiram praticamente com a humanidade como criação da mente humana para tentar dar conta de suas necessidades e sobrevivência. Nesse sentido, pode-se dizer que eram construções imaginárias em busca de soluções práticas. Tomando por base a hipótese da Magia Simpática ou Propiciatória, as representações de animais realizadas pelos primeiros seres humanos visavam a conquista dos mesmos, uma maneira subjetiva, subliminar, simbólica de propiciar a caça, lúdico não?

Esse componente mágico não foi dado pela lógica, mas pela imaginação e foi o início do Imaginário. Imaginário aqui se refere à capacidade humana de construir simulacros da realidade que, nem sempre, correspondem à realidade visível em sua plenitude, mas podem fazer referência ao que conhece e com o que vive. Neste sentido são impregnadas de valores simbólicos derivados de crenças e mitos construídos para explicar ou conhecer o mundo dentro das culturas que as criaram. Por isso, muitas das imagens não correspondem ao que se vê, mas ao que se concebe naquele contexto.

Se as imagens podem atuar tanto na reprodução do visível quanto na invenção do visível, como confiar nelas? Bem, nesse caso, depende da função que a imagem atende ou assume num dado contexto.

Durante muito tempo as imagens produzidas pela mão humana foram os únicos referenciais disponíveis para entender os acontecimentos ou circunstâncias, portanto, era comum que os detentores do poder recorressem a elas para configurar e consolidar seu poder diante do seu povo. Para isto faziam erigir palácios, templos, túmulos e monumentos ornamentados em homenagem aos deuses e a eles mesmos. Um sistema de comunicação unidirecional.

Não se pode esquecer que as imagens artísticas cumprem funções estéticas, conceituais e propositivas, de acordo com seu momento histórico e contexto cultural. É possível dizer o mesmo de uma imagem que busca informar, documentar, narrar alguma coisa. Ela também está relacionada ao seu ambiente e às funções pragmáticas para as quais foi construída a diferença é que não é elaborada com intenções estéticas e sim informativas. Ser Arte ou não é uma designação natural, mas cultural. Na pré-história, por exemplo, não havia a ideia de Arte. Quando tais imagens foram descobertas, no século XIX, optou-se por chama-las ou atribuir-lhes o conceito de Arte.

De qualquer modo uma imagem é um produto criado, inventado, simulado, portanto, artificial. Não existem imagens naturais, ou seja, a natureza não produz imagens, quem as cria é o ser humano. Embora uma imagem possa mostrar uma paisagem, uma figura, uma cena, não é a paisagem, nem a figura, nem a cena é uma interpretação visual e representação daquilo que se vê segundo o olhar de quem vê. Mesmo depois da invenção de aparelhos capazes de transformar a luz do meio ambiente em imagens, nem assim, pode-se dizer que uma imagem é natural. No entanto uma imagem pode ser naturalista quando procura reproduzir a aparência e os efeitos da natureza. Pode ser chamada de realista quando impacta a visualidade com detalhes semelhantes e precisos do contexto, mas não é natural.

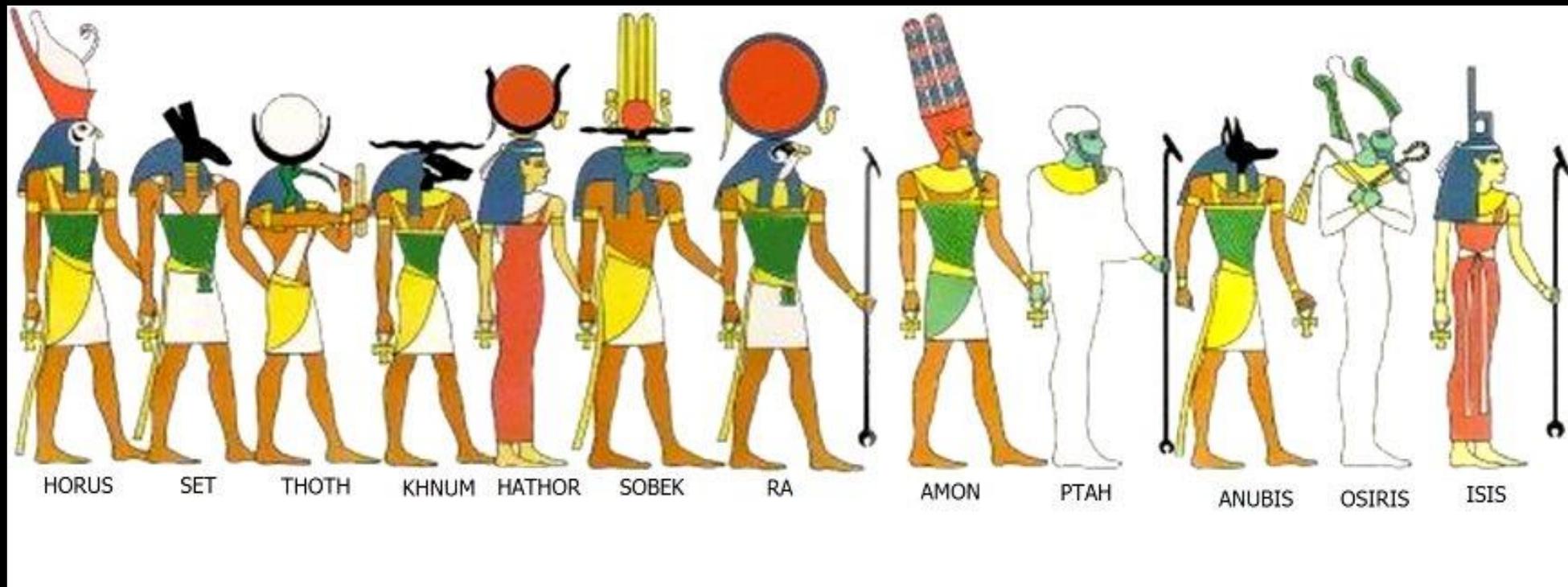
Até aqui o foco foi a imagem, a partir daqui a ideia é delimitar a questão em torno das *imagens imaginadas*, ou seja, aquelas que extrapolam o senso de realidade por meio da “*imaginação*” e se tornam fantasias, invenções ou reinventam e ressignificam a compreensão que se tem do mundo natural como se parece à visão nua e crua, as imagens transcendentais ou simbólicas como chama Didi-Huberman. A diversidade do Imaginário construído pela humanidade é imensa e falar de tudo é impossível, especialmente em textos curtos como este. Então apenas algumas imagens vão ser destacadas como *Imagens Imaginárias*.

Pode-se introduzir a ideia das Imagens Imaginárias a partir de uma que foi encontrada na caverna de *Trois Frères*, na França, portanto produzida a mais de 30.000 anos. Logo que se tornou pública, suscitou várias hipóteses: uma era considerar a representação de um animal, um gamo, por exemplo. Outra seria a de um ser humano vestindo a pele de um gamo. Essa parece ter sido a mais aceita e assim passou a ser entendida como a representação de um Xamã ou Feiticeiro ou Mago ou ainda de um caçador que vestia a pele do animal para enganar e atrair os outros... Enfim imaginar não custa nada.





A interpretação corrente que se fez dessa imagem é essa. Aqui se evidencia a presença de um homem que “imita” ou “representa” o animal numa postura semiereta do qual se vê as pernas, pés e mãos. Pode-se partir para uma terceira hipótese: a de que é uma “imagem imaginada” por alguém que criou uma entidade sobrenatural meio humana meio animal: antrozoomorfa. Isto não é impossível pois muitas civilizações da antiguidade recorreram a este processo para criar seus deuses, divindades e cultos, o antigo Egito é um exemplo disto.



Não há dúvida que é possível criar *imagens imaginárias* com o maior desembaraço possível. Muitos dos deuses e divindades egípcias apresentam imagens antrozoomórficas na sua mitologia. Sabe-se que as Mitologias são desenvolvidas para estabelecer, unificar e manter o poder ou um grupo social. (imagick.com.br)

Obviamente que personagens como Horus, Set, Thoth, Sobek, Anubis, entre outros, são figuras míticas e que nunca existiu alguém que tivesse corpo humano e cabeça de animal. Pode-se especular se os sacerdotes se travestiam de animais para os cultos. A questão é que tais personagens foram criadas a partir da imaginação coletiva ou de alguém. Entre todas as múmias exumadas do antigo Egito, nenhuma delas possuía anatomia antrozoomórfica, logo, é pura imaginação.

Se muitas imagens foram simplesmente inventadas, criadas pela imaginação humana, não correspondem ao que existe no mundo natural, só existem no *Imaginário* de cada povo ou civilização, portanto, não fazem parte da realidade física do mundo em que viviam...

É de se supor que essa liberdade criativa sempre esteve ao lado do ser humano, desde priscas eras, sendo assim, inventar imagens e fantasias não é uma prerrogativa contemporânea, mas sim uma conduta recorrente da humanidade. Inventar e ilustrar histórias é sua sina.

Era comum que as civilizações da antiguidade recorressem ao zoomorfismo para dar asas à imaginação. Ao criar divindades com aparência de animais se apropriavam de suas qualidades. Era um modo de homenageá-las e respeitá-las mas também um modo de revelar a fertilidade de sua imaginação. O período Medieval também reforça essa ideia: O Bestiário de *Arbedeen*, na Alemanha, conserva várias figuras míticas ou inventadas como o *Monocero* e o *Fauno* que se parece com aquela primeira imagem pré-histórica:



As imagens que ocupavam o exterior das catedrais góticas também são um universo mítico à parte, gárgulas, demônios e quimeras aparecem na Catedral de *Notre Dame* em Paris.

Impor o medo como uma estratégia de dominação sempre foi um recurso eficiente para controlar os anseios populares. Aqueles que têm menos informação, conhecimento e educação são as vítimas preferenciais da manipulação pelo poder. Mas as bestas também podem ser um recurso para espantar o mal e deixa-lo fora do ambiente divino. Imaginação não falta.



Depois da Idade Média, universo dos mitos e monstros parece ter diminuído e a Idade Moderna passou a dar maior crédito às ciências, assim diminuiu o misticismo e a monstruosidade. Mesmo assim, alguns religiosos ainda recorriam a aquela estratégia para convencer os (in)fiéis de que o perigo rondava a humanidade com suas garras afiadas. Mantê-los sob o domínio da fé (ou do medo), na crença em valores míticos apelando para imagens simbólicas sempre foi um bom negócio. Embora os artistas mais conhecidos, comemorados e aceitos pelas elites dominantes mantivessem uma ética formal mais austera e sofisticada, não se pode dizer o mesmo de alguns artistas que rompiam esta postura.

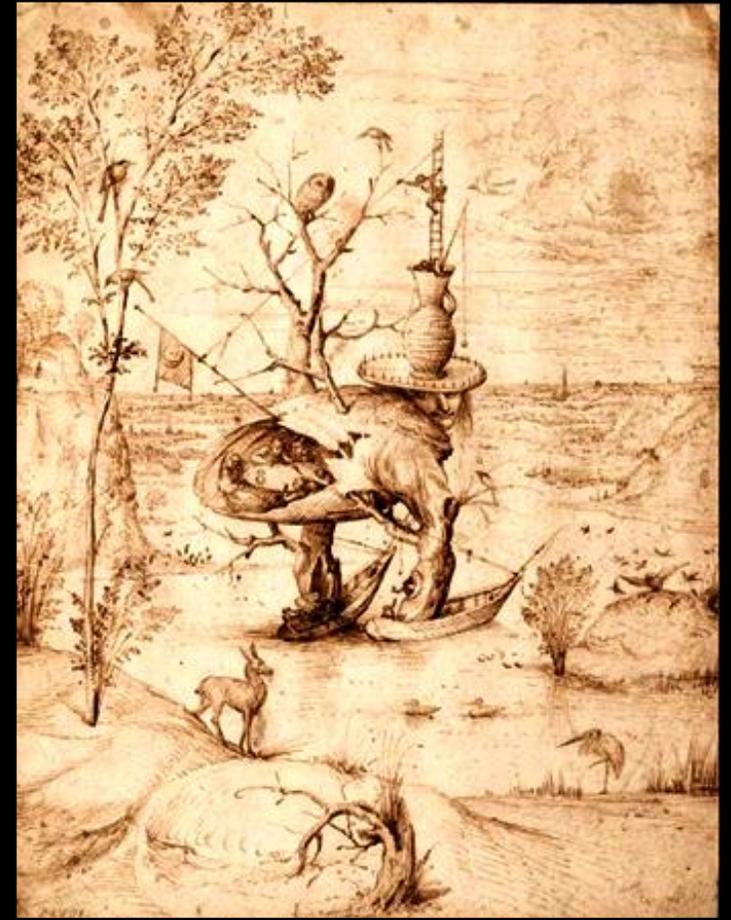
Um dos artistas mais imaginativos que surgiram neste período foi *Jeroen van Aken*, conhecido como *Hieronymus Bosch* que viveu na Holanda entre 1450-1516. Seus trabalhos recorrem a um imaginário próprio, em geral referenciados ao pecado e às tentações mundanas. Figuras simbólicas são seu universo ilustrativo, dão conta de várias “teses” que partem do pecado original, passam pelas vicissitudes do mundo e chegam ao paraíso (ou ao inferno). Suas obras são originais, criativas, imaginativas e um “prato cheio” para os estudiosos do obscurantismo...



A tentação de Santo Antão, um tríptico produzido entre 1495-1515. Observem barcos/pássaros voando, peixes/barco navegando. Animais, pessoas e figuras antrozo zoomórficas espalhadas por todos os lados. A quebra da lógica representativa de proporções, dimensões perspectiva e cenários. Se não for o fim dos tempos, é fantasia ou como ele imaginava o fim dos tempos...



O jardim das delícias, 1480-1505. Fala dos prazeres da carne e sua relação com o pecado. A profusão de formas, figuras e cenários que se superpõem causam uma certa vertigem no espectador. O imaginário é riquíssimo e confronta o pensamento religioso pelas cenas explícitas nos jardins terrenos.



A imagem a esquerda acima é uma reprodução em detalhe de parte do painel da direita do Jardim das Delícias. A direita acima, um desenho realizado como estudo para esta obra, usado na capa desta edição.

Ao contrário da figuração medieval, Bosch recorre aos domínios técnicos para a construção de imagens e usa efeitos de luz e projeção. Ao fazer isto, as imagens se tornam mais naturalistas ou realistas e tendem a convencer quem as vê de que são possíveis, ou uma visão “real” do mundo pecaminoso, portanto, cria representações ilusionistas. O efeito de realidade, de mundo natural é capaz de enganar a vista e o observador, mesmo sendo algo inventado pelas habilidades humanas

Embora a lógica ilusionista tenha atingido um alto grau de perfectibilidade no Renascimento, sendo aceita e desejada pela burguesia dominante, nem sempre atendia a vontade do artista. O trabalho dos artistas era subvencionado por comissionamentos, ou seja, por encomendas, logo, o que faziam seguiam os modelos e interesses do grupo dominante e não seus próprios interesses, neste sentido, quando alguém como Bosch usa o suporte de financiamento burguês e confronta o pensamento e o lugar comum deste grupo é algo digno de respeito, neste caso a fuga da realidade se torna um manifesto contra o *status quo*.

Para manter a imaginação criativa em alta, vale dar um salto para o século XVI e encontrar *Giuseppe Arcimboldo* que viveu em Milão entre 1526-93.

Um dos pintores mais criativos de seu tempo. Fugia completamente ao contexto pictórico representado por seus contemporâneos.

Seguia um imaginário próprio construído por meio da criatividade e invenção.

Seus “supostos” retratos, não retratavam mas imaginavam muito mais do que os olhos podiam ver.



Vertumnus, 1591. Retrato do Imperador Rodolfo II, realizado por meio da figuração de legumes, frutas e verduras.



Aqui, mais dois “Retratos” realizados por Arcimboldo: à esquerda o cozinheiro e à direita o verdureiro. Pensando bem, onde estão eles? Se o que vemos é uma travessa com assados e uma bacia com legumes? A “mágica” para encontrar os retratados é virar as telas de cabeça para baixo.



Ao virar as telas de cabeça para baixo, encontramos os personagens. De fato, é muito interessante o recurso técnico e ilusionista usado por ele para criar esse efeito surpresa. Muito criativo, muito fantasioso e... muito imaginativo.

Pode-se dizer que artistas como Bosch e Arcimboldo estavam muito além de seu tempo. Um dos movimentos Modernos que se dispôs a trabalhar com o inusitado, a fantasia, a invenção e o sonho só surgiu do século XX, em 1924, a partir do Manifesto Surrealista de André Breton. A busca do Surrealismo percorre o subjetivismo, o irreal, inconsciente, onírico, inusitado e estranho. Dispensa o mundo como é visto e cria situações e circunstâncias irrealis, assemelhadas aos sonhos e às fantasias mais esdrúxulas. Vários artistas participaram desse movimento, mas destaco dois que considero representativos. René Magritte (1898-1967) e Salvador Dalí (1904-1999).



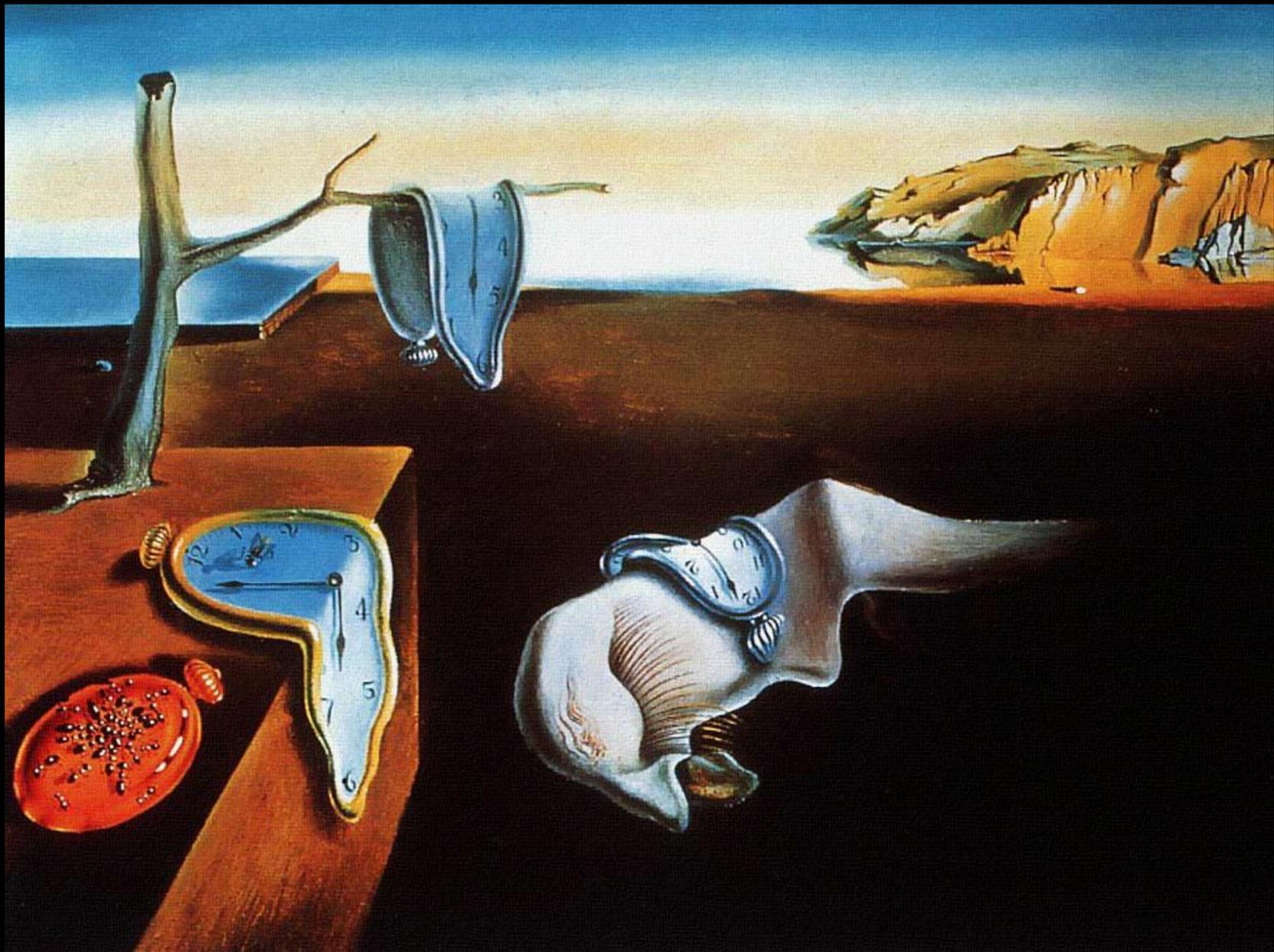
Magritte, O terapeuta, 1941.



Magritte, O filho do Homem, 1964



Magritte, Decalcomania, 1966.



Dali, A persistência da Memória, 1931



Dali, Prenúncio de Guerra Civil, 1936.

Os Surrealistas levaram a imaginação a um outro nível. Imagens criadas a partir de uma visão particular e íntima, impossíveis de ver no mundo, mas típicas da imaginação criadora que amparou a humanidade desde os primeiros tempos.

Embora os referenciais visuais mantivessem uma relação de proximidade e semelhança às coisas do mundo elas são ressignificadas em novas situações e circunstâncias que as colocavam insolitamente em “estado de sonho”.

Fantasia e criatividade se mesclavam para criar ilusão de coisas passíveis de existir, quem sabe, em realidades paralelas, mas nunca no mundo natural.

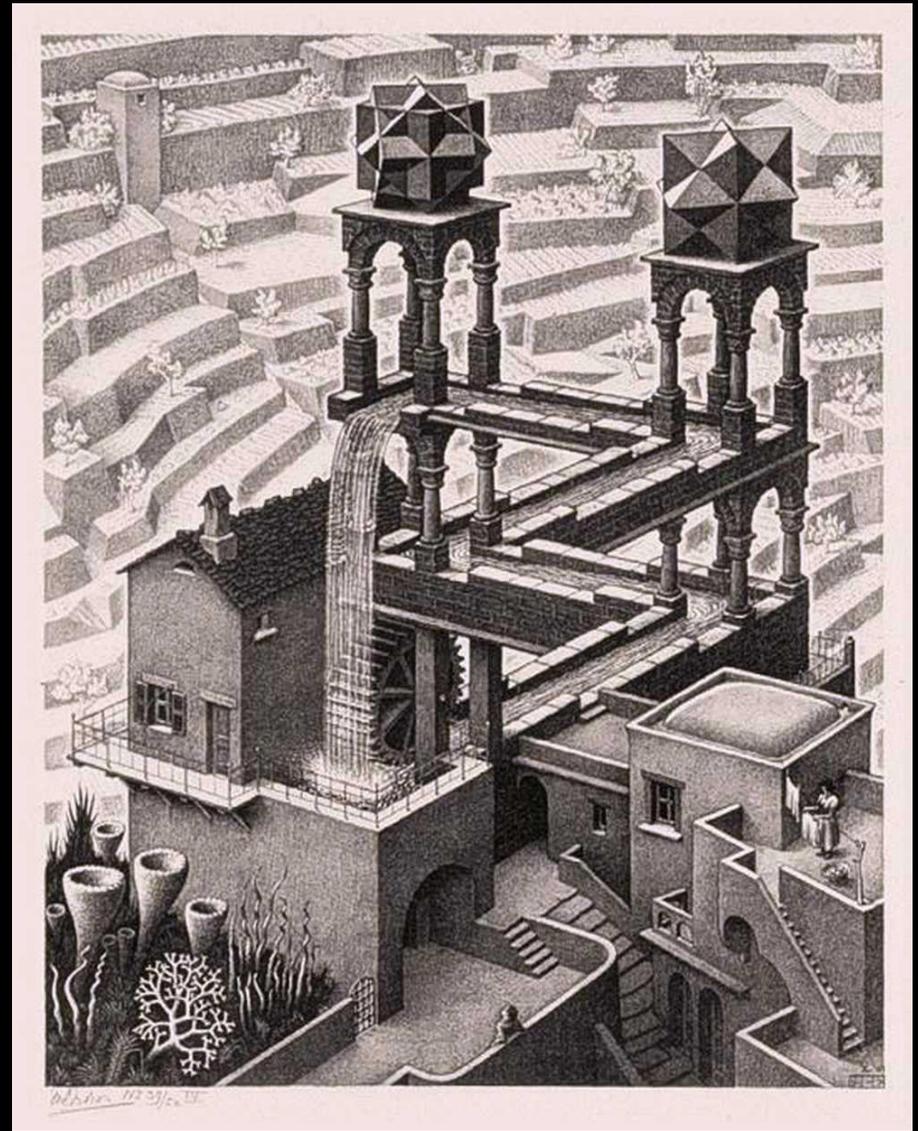
Olhando para trás, criar imagens sempre foi uma vocação humana. Em alguns momentos o que importava era o que se via, em outros, o que se imaginava.

De um modo ou de outro, o imaginário construído pelas diferentes culturas é rico e diverso. Não há padrões ou permanência. Nada dura para sempre, tudo está em constante mudança e, a Arte, como pródiga em imagens, se beneficia disso.

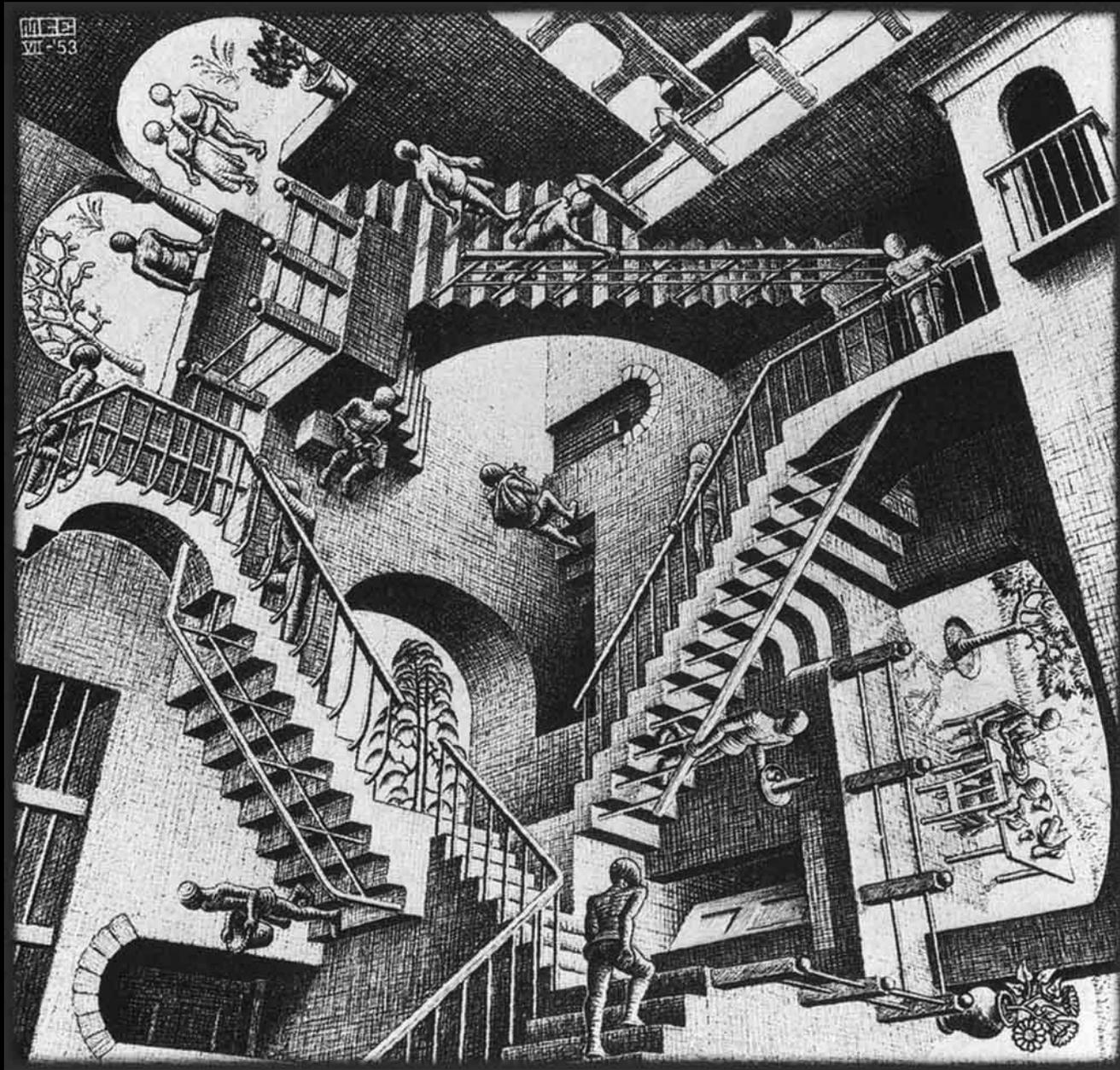
Um dos lugares mais favorável para criá-las é, sem dúvida, a Arte. Imagens criadas com fins informativos, documentais se esgotam, mas as da Arte nunca...

Maurits Cornelis Escher (1898-1972), holandês, foi mais um artista “fora da caixa” que busca o impossível na imaginação.

Independente de escolas ou movimento, sua produção é extremamente personalizada. Revela uma alta carga de subjetividade e inventividade. Suas imagens ora parecem sonho, ora delírio, mas são altamente criativas e paradoxais. Cria o que normalmente se chama de “ilusão de ótica”, mas ele não cabe nesse conceito, vai muito além dele, é uma quebra na lógica representativa apesar de usá-la para subvertê-la.



Queda d'Água.



Relatividade
infinita.

Voltando à ideia inicial:

“Imagem é uma configuração visual geradora de sentido”

Qualquer imagem, seja ela um simples traço numa superfície ou a reprodução de uma paisagem tomada com todos os detalhes do meio ambiente, ambas são testemunho de um olhar, de um querer, de um pensar, de um fazer, de um viver. A construção do conhecimento humano não se prende apenas aos fatos e eventos capazes de serem descritos em palavras ou em números, mas também por meio das imagens e elas podem até mesmo recriar a realidade.

Basta recordar como o ser humano na pré-história se usou para transcender sua presença no mundo naquele período. Se acreditarmos que as faziam com fins rituais e mágicos, foi essa magia que o tirou do fundo das cavernas e o colocou no espaço. Se permanecesse recolhido, escondido e confinado ao fundo da caverna, talvez nunca chegasse à Lua.

As imagens levaram o ser humano a acreditar no ir além, no sonhar e premeditar o amanhã na crença da sobrevivência para ver, de novo, as imagens que criara. Isto é, Imaginar...

A mediação simbólica construída por meio das imagens o manteve em constante busca e, essa busca, em constante transformação.

Imaginar é o princípio de tudo e dar concretude ao imaginado é a finalidade. Boa parte das metas, planos, objetivos vêm da imaginação, da capacidade de prever, projetar, anteciper.

Talvez, nos primeiros momentos da humanidade não houvesse ainda preparo para projetar tão longe, apenas um dia por vez, mas foi assim que muitos desafios foram superados.

Refletir sobre *Imagens Imaginárias* é também estabelecer contato com a essência humana, com sua índole, seus desejos e vontades, anseios e projetos.

O texto iniciou dizendo que a Imagem tem dois caminhos: um que leva ao visível, ao mundo natural ou, como querem alguns, ao real; outro leva diretamente à idealização, à invenção, à possibilidade de sonhar, esta parece ser a melhor ocupação ou uso das imagens: inventar, expandir a capacidade humana de superar desafios, pois

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.